

ATAQUES ÀS ESCOLAS BRASILEIRAS: UM PARALELO ENTRE O “*HABITUS*” E O “CAMPO” DE BOURDIEU E AS MUDANÇAS NA POSTURA DA IMPRENSA

Rossana Gueller Ruschel¹
Andreia Mendes dos Santos²

Resumo: Em um contexto de aumento dos casos de ataques violentos cometidos por alunos ou ex-alunos a escolas brasileiras e de uma mudança na forma desse tipo de crime ser retratado nas notícias, o presente trabalho tem por intuito traçar um paralelo entre o *modus operandi* da imprensa brasileira e os conceitos de *habitus* e de “campo” de Pierre Bourdieu, um dos mais relevantes sociólogos contemporâneos, falecido em 2002. Operacionalizando sua teoria para pensar determinadas dimensões da vida social, o autor olha para diversos campos, dentre eles o jornalístico. Mediante análise de conteúdo, buscou-se analisar comunicados oficiais sobre alterações na forma de conduzir a cobertura nos portais de notícias brasileiros mais acessados conforme o IVC (Instituto Verificador de Comunicação). Este trabalho³ também perpassa os conceitos de “capital”, “violência simbólica” e “dominação masculina”, a fim de melhor compreender as relações entre os pensamentos de Bourdieu e o fenômeno social da violência escolar. Concluiu-se que a transformação no *habitus* das redações se deu primordialmente devido ao “efeito contágio”.

Palavras-chave: violência; mídia; *habitus*; campo jornalístico; educação.

Introdução - ataques às escolas brasileiras: números e características

Crimes extremos, geralmente planejados e executados por crianças ou adolescentes e com altíssimo potencial de periculosidade para o ambiente escolar e seus atores. Assim podem ser definidos os ataques às escolas, episódios cuja frequência tem preocupado a sociedade brasileira e cujas consequências perpassam o âmbito jurídico-penal e invadem o debate social, atingindo setores como máquina estatal e mídia.

Comuns nos Estados Unidos desde a década de 1990, os ataques criminosos a instituições de ensino tomaram proporções preocupantes no Brasil nos últimos anos (Ruschel, 2024, p. 1). Os também chamados massacres ou tiroteios em massa (em inglês “mass shooting”) envolvem, na maior parte dos casos, um aluno ou ex-aluno e diversas vítimas. Conforme Garcia (2024, p. 166), “a utilização de armas de fogo foi responsável (...) pelo ferimento da maioria

¹ Mestranda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Jornalista (PUCRS). E-mail: rossana.ruschel@edu.pucrs.br

² Professora adjunta da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Sociologia e Ciência Política. Psicóloga, mestre e doutora em Serviço Social (PUCRS). Bolsista produtividade CNPQ (nível 2). E-mail: andrea.mendes@pucrs.br

³ Trabalho realizado com apoio do CNPQ

das alvejadas (69,17%). Em seguida, a utilização de facas (22,6%), machadinhas (6,84%) e, em menor escala, coquetéis Molotov e martelos (0,68% cada)”.

De acordo com um relatório publicado em novembro de 2023 pela D³e⁴ e coordenado pela pesquisadora Telma Vinha⁵, o primeiro ataque registrado em uma escola no Brasil ocorreu em agosto de 2001 na Bahia (Vinha *et al.*, 2023). O estudo identificou 36 episódios cometidos por 39 estudantes e ex-estudantes em 37 escolas, com 40 vítimas fatais (incluindo cinco suicídios de atiradores) e 102 feridos. Conforme o Instituto Sou da Paz⁶ os sete ataques ocorridos no primeiro semestre de 2023 são considerados um recorde, superando os seis somados no ano inteiro de 2022.

Também em 2023, foram anunciadas pelo governo federal políticas públicas de caráter repressivo e preventivo para coibir a violência escolar — tais medidas foram verificadas especialmente após um ataque a uma creche de Blumenau (SC), em abril de 2023 (Ruschel, 2023, 73). Também foi notada a partir deste período uma mudança na postura da imprensa brasileira quanto à forma de noticiar esse tipo de episódio (Ruschel, 2024). Se compararmos ao ano anterior, pode-se afirmar que 2024 teve queda nas ocorrências — de janeiro a outubro foram registrados quatro ataques a escolas, distribuídos nos municípios de Palhoça (SC), Distrito Federal (DF), Salto da Divisa (MG) (Garcia, 2024) e Heliópolis (BA) (Tíssia, 2024).

Chama a atenção a totalidade masculina na autoria dos crimes: meninos e homens foram os responsáveis pela grande maioria dos atentados, “reforçando um fenômeno ligado ao universo masculino” (Langeani, 2023). Sobre as estruturas de dominação masculina, Pierre Bourdieu afirmou que tentaria “comprovar que elas são produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas como a violência física” (1999, p. 46).

A divulgação dos ataques pela mídia tem sido fenômeno de reflexão, eis que estudos mostram grande proximidade cronológica entre os registros. A título de exemplo, citamos a sequência de casos em abril de 2023: quatro escolas de diferentes estados foram invadidas nos dias 05, 10, 11 e 12.

Analisar os casos por mês é relevante pois ilustra o que vários especialistas têm alertado: o “efeito contágio” (Langeani, 2023, p. 7). Vale lembrar que, ao noticiar crimes, a imprensa costuma usar ferramentas de reportagem para transmitir os fatos com maior detalhamento,

⁴ Dados para um Debate Democrático na Educação

⁵ Doutora em Educação, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e uma das maiores referências brasileiras no estudo do tema.

⁶ Organização que atua há mais de vinte anos combatendo a violência no Brasil

muitas vezes complementando a narrativa. Fotos, vídeos e exposição de detalhes são corriqueiros na prática jornalística. No entanto, no caso dos massacres em escolas, tais informações podem documentar o *modus operandi* dos invasores (Ruschel, 2024). Como mostra o relatório *O Extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil*⁷, conteúdos jornalísticos podem servir como métodos de cooptação de jovens. “Imagens de ataques difundidas pela mídia ou pelos perpetradores em suas redes sociais viram peças de propaganda. É comum a circulação desses vídeos e fotos pelo ecossistema de extrema-direita na internet, incluindo fotos de vítimas.” (Pellanda *et al*, 2022, p.19).

No mês de abril de 2023, após um aumento no número de casos, diversos veículos brasileiros divulgaram decisões editoriais acerca de mudanças na forma de noticiar esse tipo de episódio. “O nome de invasores, fotos, vídeos, cartas etc. não seriam mais publicados, a fim de não ‘premiar’ o criminoso e evitar o efeito contágio” (Ruschel, 2024). Compilamos a seguir o posicionamento dos cinco⁸ portais com maior circulação digital no Brasil conforme o IVC (Instituto Verificador de Comunicação):

a) Posicionamento do O Globo, emitido em 5 de abril de 2023;

Os veículos do Grupo Globo tinham há anos como política publicar apenas uma única vez o nome e a foto de autores de massacres como o ocorrido em Blumenau. O objetivo sempre foi o de evitar dar fama aos assassinos para não inspirar autores de novos massacres. Essa política muda hoje e será ainda mais restritiva: o nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados, assim como vídeos das ações. A decisão segue as recomendações mais recentes dos mais prestigiados especialistas no tema, para quem dar visibilidade a agressores pode servir como um estímulo a novos ataques. Estudos mostram que os autores buscam exatamente esta “notoriedade” por pequena que seja. E não noticiamos ataques frustrados subsequentes, também para conter o chamado “efeito contágio” (Esclarecimento..., 2023);

b) Posicionamento da Folha de S. Paulo, emitido em 6 de abril de 2023;

Para a cobertura de crimes em geral, o Manual de Redação da Folha orienta que se “pondere se há legítimo interesse jornalístico ou só curiosidade a respeito de acusados, vítimas, testemunhas, familiares e amigos.” Internamente, a Redação tem refletido sobre a cobertura dos ataques, sempre caso a caso. No crime da Thomazia Montoro, por exemplo, o vídeo que mostrava a ação do adolescente, replicado em sites e TVs, foi publicado em um primeiro momento pelo jornal, com sua imagem borrada, mas acabou retirado do ar após uma reavaliação interna. O nome do agressor não poderia ser publicado de qualquer forma, em respeito ao Estatuto da Criança e do Adolescente, por ele ser menor. Já na cobertura do massacre à creche, a Folha optou por publicar o nome e a foto do assassino (que tem 25 anos), ainda que sem destaque, por entender que há relevância jornalística (Mattos, 2023).

c) Posicionamento do Estadão, emitido em 5 de abril de 2023;

O Estadão decidiu não publicar foto, vídeo, nome ou outras informações sobre o autor do ataque, embora ele seja maior de idade. Essa decisão segue recomendações de estudiosos em comunicação e violência. Pesquisas mostram que

⁷ Estudo entregue em dezembro de 2022, no âmbito do Grupo Temático de Educação do governo de transição

⁸ Dos cinco portais elencados, quatro tiveram decisão divulgada, com exceção do Valor Econômico – que faz parte do Grupo Globo, conglomerado que se posicionou amplamente sobre o assunto, portanto, optamos por considerar que a posição deste veículo é a mesma do portal O Globo.

essa exposição pode levar a um efeito de contágio, de valorização e de estímulo do ato de violência em indivíduos e comunidades de ódio, o que resulta em novos casos. A visibilidade dos agressores é considerada como um “troféu” dentro dessas redes. Pelo mesmo motivo, também não foram divulgados vídeos do ataque em uma escola estadual na Vila Sônia, zona oeste de São Paulo, no último dia 27 de março (Eskelsen, 2023).

d) Posicionamento de Zero Hora, emitido em 5 de abril de 2023;

GZH (ZH/DG/Rádio Gaúcha/Pioneiro) decidiu não publicar o nome, foto e detalhes pessoais do assassino de Blumenau. As pesquisas mais recentes sobre massacres deste tipo mostram que a visibilidade pública obtida pela cobertura da mídia pode funcionar como um troféu pelos autores, e estimular outros a cometer atos similares. A linha editorial dos veículos da RBS em outros casos recentes já vinha sendo a de não retratar estes criminosos em detalhes, noticiando apenas o nome e informações resumidas sobre eles. Ao restringir ainda mais esta exposição, medida também tomada por outros veículos de jornalismo profissional, buscamos colaborar para que os assassinos não inspirem novos atos de violência extrema como o desta quarta-feira (5) (De Oliveira, 2023).

Ante o exposto, verifica-se de imediato uma simbiose quanto ao período de veiculação dos posicionamentos — todos publicados em 5 ou 6 de abril de 2023 — no dia 5 quatro crianças foram mortas após ataque em uma creche de Blumenau, Santa Catarina (Aurélio; Eskelsen; Mengue, 2023). O conteúdo e a motivação dos enunciados serão mais profundamente analisados ao decorrer deste estudo.

Metodologia

Buscaremos, a partir de então, detalhar o percurso metodológico adotado neste trabalho. Em um primeiro momento, contextualizamos a crescente problemática da violência extrema nas escolas do Brasil, utilizando-nos de diversas fontes documentais — como relatórios e notícias — para compreender o fenômeno nas instituições de ensino e a forma como esses episódios têm sido divulgados na imprensa brasileira.

Gostaríamos de trazer enfoque para as decisões editoriais divulgadas por alguns portais de notícias brasileiros explicando modificações na maneira de noticiar esses eventos (decisões estas compiladas acima). Isso porque tais comunicados configuram parte relevante deste estudo: a partir do método de análise de conteúdo — especificamente os pressupostos de Laurence Bardin (2016) — buscamos identificar unidades de significado e categorias que nos auxiliam a compreender o fenômeno em questão (a mudança de postura da mídia).

Mais adiante, a fim de traçar um paralelo entre a alteração no *modus operandi* jornalístico e a base teórica aqui proposta, será trazida à discussão a teoria bourdieusiana, a fim compreendermos como Bourdieu enxergava a estrutura social, a imprensa e especificamente o

campo jornalístico. A pesquisa bibliográfica também nos permitirá compreender os conceitos de “habitus” e de “campo”.

Análise dos posicionamentos

Com o intuito de nos aprofundarmos nos enunciados trazidos pelos portais e compreendermos o que levou (majoritariamente) a imprensa a modificar seu *modus operandi*, apoiamo-nos nos pressupostos de Bardin, delimitando as decisões editoriais enquanto *corpus* de análise. “O *corpus* é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (Bardin, 2016, p. 126).

A seleção desse *corpus* obedece à regra da pertinência, de modo que os posicionamentos (vistos enquanto documentos) correspondem ao objetivo que suscita a análise (Bardin, 2016). Não serão analisadas as decisões editoriais exaustivamente (de todos os portais e veículos do Brasil), de modo que se entende suficiente avaliar os que têm maior circulação (conforme o IVC) para se identificar o que os levou a transformar sua postura.

A análise em questão pode ser definida como temática, de modo que busca “descobrir ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (Bardin, 2016, p.135).

Na etapa de codificação, foram primeiro escolhidas unidades de registro (UR) dos fragmentos textuais apresentados, consoante sua frequência. Posteriormente, demonstramos as unidades de contexto e as categorias de análise, conforme ilustra a tabela abaixo. A partir da análise realizada, infere-se que os veículos em questão optaram (em sua maioria) por não mais publicar nomes, fotos e vídeos em todas as suas coberturas de ataques às escolas — a exceção é a Folha de S. Paulo, que afirmou avaliar as situações “caso a caso”.

As UR com maior frequência tratam do efeito contágio (seja literalmente ou nomeado “estímulo” ou “inspiração” a outros ataques), e foram repercutidas com base em como os veículos discutem as consequências da cobertura midiática. Essa ideia é repetida em vários posicionamentos, onde se menciona que a exposição dos autores de crimes pode levar a novos atos de violência. Nos quatro textos, o efeito contágio é mencionado de forma explícita ou implícita, referindo-se à preocupação em estimular ou incentivar novos episódios.

Codificação e Formação de Categorias de Análise

Unidades de Registro	Frequência	Unidades de Contexto	Categorias de Análise
----------------------	------------	----------------------	-----------------------

Nome e foto/imagem	4	“o nome e a imagem de autores de ataques jamais serão publicados”; “optou por publicar o nome e a foto”; “decidiu não publicar foto, vídeo, nome”; “decidiu não publicar o nome, foto e detalhes”	Nome e foto/imagem se tornam elementos impúblicáveis
Vídeo(s)	4	“(…) assim como vídeos”; “o vídeo que mostrava a ação”; “decidiu não publicar foto, vídeo, nome”; “também não foram divulgados vídeos”	Vídeos se tornam elementos impúblicáveis
Efeito contágio/estímulo/inspiração	5	“o chamado efeito contágio”; “pode levar a um efeito de contágio”; “estimular outros a cometer atos similares”; “não inspirar autores de novos massacres”; “dar visibilidade a agressores pode servir como um estímulo”	Efeito contágio enquanto justificativa para mudar cobertura
Visibilidade como “troféu”/notoriedade	3	“autores buscam exatamente esta ‘notoriedade’”; “a visibilidade dos agressores é considerada como um ‘troféu’”; “visibilidade pública obtida”	Receio de visibilidade enquanto justificativa para mudar cobertura
Caso a caso	1	“tem refletido sobre a cobertura dos ataques, sempre caso a caso”	Decisão dependendo de cada situação

Fonte: Dados da Pesquisa

Percebe-se que as unidades de registro com maior frequência tratam do efeito contágio (seja literalmente ou nomeado “estímulo” ou “inspiração” a outros ataques). Essas UR foram identificadas com base em como os diferentes veículos discutem as consequências da cobertura midiática sobre a visibilidade de agressores. Essa ideia é repetida em vários posicionamentos, onde se menciona que a exposição dos autores de crimes pode levar a novos atos de violência. Nos quatro textos, o efeito contágio é mencionado de forma explícita ou implícita, referindo-se à preocupação de que dar visibilidade aos agressores possa inspirar outros a cometer atos similares. Em seguida, como segunda UR mais frequente, tem-se o receio dos veículos em dar visibilidade ou notoriedade aos autores dos crimes, de modo que ter sua ação detalhadamente transmitida pela imprensa seria uma espécie de troféu ou premiação para esses indivíduos.

A perspectiva de Pierre Bourdieu

A obra sociológica de Pierre Bourdieu pode ser compreendida a partir de conceitos pontuais relacionados a uma teoria das estruturas sociais (Thiry-Cherques, 2006). Os estudos do autor francês, falecido em 2002 e considerado um dos principais sociólogos contemporâneos, têm grande impacto na Sociologia brasileira e em outras áreas, como por exemplo o Jornalismo e a Pedagogia (Nogueira, 2002). A partir de seu entendimento do que é um campo – o que veremos mais adiante –, ele compreende subdivisões da sociedade. Sob esta ótica, a imprensa também é objeto de análise do autor, inclusive adotada como uma das áreas às quais ele dedicou relevantes obras, como *Sobre a Televisão* (Bourdieu, 1997).

O autor trabalha sob a perspectiva do “estruturalismo construtivista”, ou seja, a partir da ideia de que existem no mundo social estruturas objetivas que podem dirigir a ação e a representação dos indivíduos sobre as diferentes dimensões da vida social (Bourdieu, 2007). Conforme Azevedo⁹, assim como Anthony Giddens, Bourdieu propõe uma interação entre estrutura e ação, de maneira que ambas se influenciam mutuamente. Enquanto a estrutura coage as ações individuais, estas, por sua vez, reproduzem e transformam a primeira.

De outra forma, pode-se dizer que os indivíduos vivem dentro de estruturas sociais pré-determinadas, mas existe a possibilidade de transformá-las. Diferentemente de outros autores, Bourdieu defende a ideia de que a sociedade não se organiza sozinha. O autor enxerga os indivíduos como agentes, afinal, as estruturas são desenvolvidas socialmente – da mesma forma que os esquemas de ação e pensamento, denominados *habitus*.

Noções de *habitus*

Conforme Bourdieu (1983), para escapar ao realismo da estrutura, é necessário ir do *opus operatum* ao *modus operandi*, isto é, da regularidade estatística ao princípio de produção dessa ordem observada. Nesta esteira, o autor conceitua o *habitus* na medida em que o compreende como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares”.

As estruturas constitutivas de um tipo particular de meio (as condições materiais de existência características de uma condição de classe), que podem ser apreendidas

⁹Trecho de aula da disciplina de Fundamentos de Teoria Sociológica, ministrada pelo professor Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo no curso de Mestrado em Sociologia e Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2023

empiricamente sob a forma de regularidades associadas a um meio socialmente estruturado, produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes (Bourdieu, 1983, p. 61).

Neste sentido, Bourdieu (1999, p. 63) também relaciona tal conceito à nobreza, como “aptidões consideradas nobres (coragem física e moral, generosidade, magnanimidade etc.)”. Assim, o *habitus* pode ser compreendido como algo que o mundo social desenha, algo inscrito em uma natureza biológica, ou, ainda “o produto de um trabalho social de nominação e de inculcação, ao término do qual uma identidade social instituída por uma dessas ‘linhas de demarcação mística’, conhecidas e reconhecidas por todos” (p. 64).

Realizando tais atos regulares, o indivíduo produz uma identidade pessoal, individual, que vai demarcar alguma coisa que não está na natureza, que é nova e construída socialmente. A partir desta perspectiva, “se considera a socialização como um processo que se desenvolve ao longo de uma série de produções de *habitus* distintos” (Ortiz, 1983, p. 18).

Por ser um trabalho de “nominação”, fica claro que o *habitus* necessita expressar, denominar, representar alguma coisa. A título de exemplo inicial, conforme Azevedo¹⁰, pode-se ter o *habitus* materno – *modus operandi* de uma mulher que se torna mãe e, em decorrência disso, aplica em seu dia a dia uma série de padrões característicos desta categoria de pessoas, como ser cuidadosa com seu bebê, limpá-lo, educá-lo, etc. Caso não o faça, será julgada pela sociedade como alguém que não executa bem seu papel, ou que não tem sucesso ou reconhecimento no âmbito em que atua.

Ou seja, o *habitus* “fala”: quando aplicado da forma esperada pela sociedade, representa que o indivíduo está desenvolvendo da maneira correta suas atividades; caso contrário, quer dizer inadequação. Críticos à teoria de Bourdieu afirmam que, na realidade, o agente estaria constrangido a agir de uma certa maneira, não tendo autonomia e possibilidade de mudança daquilo que lhe é proposto. Isso porque, a partir de uma lei social incorporada, sofrerá sanções se não agir de determinado jeito.

Ocorre que, neste aspecto, percebe-se uma importante virada de chave na obra do pensador francês: apesar de o *habitus* ser compreendido enquanto estrutura incorporada pelo

¹⁰Trecho de aula da disciplina de Fundamentos de Teoria Sociológica, ministrada pelo professor Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo no curso de Mestrado em Sociologia e Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2023

agente, não significa que o indivíduo não possa transformá-lo¹¹. Apesar da regularidade impressa pelo *habitus*, os arranjos sociais e culturais para o desempenho de determinados papéis e funções sociais não estão pré-determinados, e isso caracteriza as sociedades modernas, de forma que há abertura para diferentes possibilidades, uma vez que a tradição não é mais o que legitima como o mundo funciona. As coisas podem ser diferentes, podem ser feitas de uma outra forma. Para isso, é necessário romper com o *habitus*, ou seja, estabelecer novas maneiras e possibilidades de atuação que vão para além desses que estão socialmente reconhecimentos como necessários e adequados.

Apesar de a possibilidade de transformação do *habitus* não ser um dos pontos mais trabalhados explicitamente pelo autor (Brandão; Altmann, [20--]), tal característica é visível em sua teoria, especialmente quando relacionada aos campos – locais onde o *habitus* será absorvido.

Bourdieu tem chamado atenção para a indissociável relação entre os campos e os *habitus*. O *habitus* é um saber agir aprendido pelo agente na sua inserção em determinado campo. As “estruturas” do campo são importantes na formação do *habitus*, no entanto, a ação dos agentes não é completamente determinada por elas. Bourdieu fala em “sentido do jogo”: o jogador apreende as regras do jogo, mas as regras não prevêm (sic) o que irá acontecer, tampouco como o jogador irá jogar. Note-se que mostrar que as práticas sócias têm determinantes sociais, não é o mesmo que afirmar as práticas sejam totalmente determinadas (Brandão; Altmann, [20--], p. 4).

Conforme visto acima, o conceito de campo está diretamente relacionado ao *habitus*, pois é o espaço onde este último se expressa/se reproduz. Cada campo contém um conjunto de regras que tonam o *habitus* espécie de um senso comum.

Noções de “campo” e de “capital”

A fim de conceituar campo, Bourdieu (2004) ressalta que todas as produções culturais são objetos de análise com pretensões científicas. Na visão do pensador, campo é “uma ideia extremamente simples, cuja função negativa é bastante evidente” (p. 20). Ele avalia que, para se compreender uma produção cultural (seja literatura, ciência, etc.), não é suficiente se referir ao conteúdo textual dessa produção, tampouco ao contexto social. O teórico dá como exemplo o ato de relacionar uma obra musical ou poema a greves de Fourmies e manifestações de Anzim — ato que chama “erro de circuito”.

¹¹ Trecho de aula da disciplina de Fundamentos de Teoria Sociológica, ministrada pelo professor Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo no curso de Mestrado em Sociologia e Ciência Política da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2023

O campo pode ser entendido como um espaço simbólico de disputa entre os *habitus*, um lugar aberto para o conflito. “Para Bourdieu, o social é constituído por campos, microcosmos ou espaços de relações objetivas, que possuem uma lógica própria, não reproduzida e irreduzível à lógica que rege outros campos” (Azevedo, 2011, p. 28). Quando visto no aspecto de “campo de forças”, tem-se uma estrutura que constrange os agentes envolvidos; já sob o prisma de “campo de lutas”, é entendido como aquele no qual os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura. Conforme Carvalho (2017, p. 3), o campo de Bourdieu “não é delimitado geograficamente, mas sim um espaço abstrato de relações humanas, no qual cada agente comporta-se como um jogador em busca do troféu”.

Os campos são abertos ao conflito por serem espaços de relações objetivas que têm uma lógica própria. Por exemplo, o campo do Direito é diferente do campo científico, que é diferente do cultural, do jornalístico ou do esportivo, enfim, cada um deles tem um funcionamento único, impossível de ser reproduzido em outro. Essa logicidade ímpar, representada pelo *habitus*, também pode ser vista sob o prisma do poder, de forma que cada campo apresenta sua própria hierarquia e, por conseguinte, suas próprias disputas internas.

É possível dizer, assim, que o campo é um espaço no qual se manifestam relações de poder, afinal, ele “se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio. Bourdieu denomina esse *quantum* de ‘capital social’” (Ortiz, 1983, p. 20): “A estrutura do campo pode ser apreendida tomando-se como referência dois polos opostos: o dos dominantes e o dos dominados”.

Tal distribuição desigual incita os agentes ao desenvolvimento de métodos para defender seus privilégios em face da contestação dos demais (Azevedo, 2011). Diferentemente de Marx, Bourdieu olha para o conflito não apenas na perspectiva do capital econômico, mas também sob o prisma dos capitais cultural, social e simbólico. Enquanto o capital econômico se refere a dinheiro, posses etc., o capital cultural está ligado ao conhecimento científico, à proficiência em idiomas e outras qualificações acadêmicas. Já o capital social se refere à rede de contatos do indivíduo (seja pessoal ou profissional), e o capital simbólico, por sua vez, tem a ver com honra, reputação e prestígio (Nawaz, 2017).

Ou seja, o indivíduo pode estar em um determinado lugar social não necessariamente ou apenas porque ele tem poderio econômico, mas porque tem um outro tipo de bagagem que possibilita sua circulação e aceitação neste meio, até porque os capitais também podem apresentar relações entre si. Conforme Bourdieu (1986, p. 246) “there exists a link between

economic and cultural-capital, which is ‘established through the mediation of the time needed for acquisition’. Em outras palavras, “the acquisition of cultural capital (i.e. pursuing an academic degree) is largely dependent on financial support from one’s family. Thus financial help is the precondition for the initial accumulation” (Nawaz, 2017, p. 182).

Cada um dos capitais que a pessoa detém será importante para o lugar que ela ocupa dentro do campo. Eles são, portanto, determinantes para definir as hierarquias, que variam conforme o espaço. No caso do Jornalismo, por exemplo, podemos pensar em diversos tipos de hierarquia; uma delas é a presente em uma redação, onde há desde estagiários, repórteres, editores de diferentes graus, até chegar ao editor-chefe e aos administradores/donos/sócios daquele veículo. Esta hierarquia é respeitada, e normas pré-estabelecidas são compartilhadas por quem circula neste local ou se relaciona com ele de alguma forma. Isso não significa, evidentemente, que o *habitus* deste campo é engessado, inflexível, imutável. A partir de conflitos, sua alteração pode ser considerada necessária pelos agentes.

Os campos desenvolvem uma “doxa”, espécie de senso comum, e um *nomos*, leis gerais que o governam. Todos do campo estão de acordo com tal regramento. “Esse conceito substitui o que a teoria marxista chama de “ideologia”, como ‘falsa consciência” (Azevedo, 2011, p. 29). A autonomia adquirida pelo campo jornalístico confere a ele legitimidade para definir de que forma as notícias são publicadas, como se dá o funcionamento da imprensa, quais os interesses envolvidos, como as decisões são tomadas etc.

Embora o jornalismo não tenha sido seu principal objeto de estudo, Bourdieu “direcionou, em diferentes fases de sua trajetória acadêmica, o olhar crítico e metodológico para a estrutura deste campo, trazendo importantes contribuições da teoria sociológica para o campo epistemológico das teorias do jornalismo” (Carvalho, 2017, p. 1).

O campo jornalístico é conceituado por ele como “um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre da parte de outros microcosmos” (Bourdieu, 1997, p.55). Esses últimos seriam, por exemplo, redações, veículos de imprensa e cursos de formação universitária. Conforme Benson e Neveu (2005, p. 4 *apud* Carvalho, 2017, p. 6), assim como outros campos sociais, o jornalístico é formado por “arenas de luta em que indivíduos e organizações competem, inconscientemente e conscientemente, para valorizar as formas de capital que eles possuem”.

A violência simbólica seria, na teoria bourdieusiana, “um tipo de dominação suave onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global” (Ortiz, 1983, p. 25). Ao ser colocada em prática, legitima a cultura dominante, que é

imposta e acaba sendo naturalizada. Desta forma, é possível considerar que a maneira como os fatos são representados na imprensa – através de palavras e outros meios de divulgação – podem ter influência sobre os fenômenos sociais. No caso dos ataques criminosos a escolas brasileiras, por óbvio, isso também acontece. Quando a mídia opta por divulgar esses crimes – o que é compreensível, levando em consideração os valores-notícia – impacta sua audiência, inclusive os indivíduos envolvidos nos fatos noticiados.

A transformação do habitus: um paralelo entre a teoria de Bourdieu e a mudança de postura da imprensa brasileira

Como vimos, para a teoria bourdieusiana, cada campo é uma estrutura social composta por diferentes *habitus*. O campo jornalístico é caracterizado pelo ato de noticiar. A forma como o faz, seu *modus operandi* (ou seu *habitus*), é determinante e embutido no dia a dia dos profissionais da categoria, que reproduzem automaticamente uma determinada forma de ação. É sabido que uma reportagem estará mais completa se trazer mais elementos. Da mesma forma, notícias de grande impacto costumam ter relevância e destaque no noticiário. É assim que a mídia funciona. Ocorre que, como já mencionamos, o *habitus* não é estanque.

Em setembro de 2023, durante o 7º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, — evento que dedicou palestras e oficinas a profissionais do Jornalismo e da Educação —, uma mesa debateu especificamente *A cobertura dos ataques às escolas e os dilemas da imprensa* (#Jeduca2023 [...], 2023). Jornalistas de relevantes veículos de comunicação do país (Folha de S. Paulo, O Globo, A Tribuna e Estadão) discutiram dilemas éticos sobre o que escrever e qual destaque dar ao assunto.

Essa discussão começou em 2019, quando houve o ataque em Suzano. Houve um incômodo nosso com a nossa própria cobertura. [...] Muito rapidamente as imagens circularam, os autores dos ataques estavam caracterizados, aquilo chocou muito. [...] Depois, veio aquele incômodo, o quanto a gente estava espetacularizando isso, o quanto a gente sem querer estava dando eco a essa cena de violência. Quando vieram os ataques desse ano, já colocamos um freio na divulgação de certas imagens [...] por serem muito violentas, servirem de gatilho para as pessoas, já pensando nesse efeito contágio, num cenário em que a questão do efeito contágio já estava mais amadurecida, já tínhamos lido mais, pesquisado mais. Não divulgamos imagens do ataque da Vila Sônia. Quando houve o ataque em Blumenau, de novo a gente se viu nessa questão e a discussão voltou e a gente sentiu essa necessidade de, além de não divulgar, ser transparente sobre o porquê de não estar divulgando [...] para não parecer que está minimizando o ataque, um acobertamento, não querer mostrar quem é o responsável por isso (#Jeduca2023 [...], 2023, min. 2:58).¹²

¹² Fala do jornalista Victor Vieira, do Estadão, durante o 7º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, em 2023.

“As possibilidades de transformação dos *habitus* dos agentes podem ser pensadas, por um lado, a partir da movimentação dos agentes entre diferentes campos sociais, e, por outro, a partir da movimentação e das lutas travadas dentro do próprio campo” (Brandão; Altmann, [20--] p. 1). Quando o jornalista do Estadão afirma que houve um “incômodo com a própria cobertura”, é possível perceber certa tensão no campo e o princípio do que levaria à ruptura do *habitus* em seguida.

Brandão e Altmann, [20--] pontuam, outrossim, que “a transformação do *habitus* pode ocorrer através de um trabalho de análise reflexiva (portanto racional) sobre as próprias disposições, conforme menciona Bourdieu em algumas entrevistas”. Neste sentido, diversas redações do Brasil passaram por processos internos de discussão e análise sobre a melhor conduta a ser adotada.

O Globo já tinha uma postura que a gente, à época, considerava que era restritiva, de publicar o nome do autor uma vez só [...]. Achávamos que isso já era suficiente. Mas, com o passar do tempo, a gente começou a perceber que isso abria margem, às vezes, para se publicar perfis mais extensos. Então, começou a se ampliar a discussão ali dentro (do jornal), desde Suzano, desde o episódio em Saudade, uma discussão interna se a gente deveria continuar citando [...]. Em março, após o ataque em Vila Sônia, após uma nota técnica do Monitor do Debate Político no Meio Digital sobre efeito contágio, decidimos não publicar mais o nome. Uma semana depois ocorreu o ataque em Blumenau. Aí, a direção do jornal, em conjunto com a direção da TV Globo, resolveu divulgar o que já estávamos cumprindo há uma semana, o que causou uma repercussão positiva. Já havia uma discussão interna, trazida muito pelos repórteres (#Jeduca2023 [...], 2023, min. 9:56).¹³

A partir deste relato, também é possível verificar certa disputa interna no campo, afinal, como diz o jornalista do O Globo, a discussão “era trazida pelos repórteres”. Em uma redação, assim como em outros campos, há uma hierarquia que define a tomada de decisões. O repórter, muitas vezes, incita editores a refletir sobre determinados assuntos. Mas a decisão final, via de regra, é do editor, que pode ser considerado o maior detentor de capital cultural, pois é quem melhor domina a linguagem. Vale lembrar que os editores, por sua vez, também possuem um rol hierárquico. “A convivência entre os agentes determina o consenso a respeito da situação, ou seja, o que merece ou não ser levado em consideração” (Ortiz, 1983, p. 24).

Assim, levando-se em conta os efeitos que palavras e imagens divulgadas pela imprensa estavam causando nos agentes receptores de conteúdo, optou-se por uma modificação no *modus operandi*, uma transformação do *habitus*.

¹³ Fala do jornalista Maurício Xavier, do O Globo, durante o 7º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, em 2023.

Em outra mesa do mesmo evento, a cientista de dados americana-canadense Sherry Towers — especializada em “efeito contágio” —, elogiou¹⁴ a postura da imprensa brasileira. “O que aconteceu no Brasil foi algo louvável, porque não foi (algo imposto) por leis, foi um processo de autorregulação da mídia que chamou muito a atenção, não um processo acrítico, mas de debate.” Ela enfatizou que, no entanto, pode ser que nem todos compreendam a decisão dos jornais, de modo que a diminuição da incidência de reportagens possa ser interpretada como uma banalização/naturalização desse tipo de crime, o que faria com que a mídia fosse a culpada pelo aumento dos índices, por não abordar os fatos como deveria. “Então, precisamos debater isso”, enfatizou.

Considerações finais

Conforme o que foi visto neste estudo, concebe-se que a teoria bourdieusiana é relevante na interpretação dos fenômenos sociais a partir de seus conceitos de *habitus*, campos, capitais e violência simbólica.

Assim, contemplando os mais diversos campos de atuação, o pensamento de Bourdieu também compreende o campo jornalístico, objeto deste artigo e área cuja movimentação no *habitus* foi observada. Tivemos neste trabalho o intuito de estabelecer um paralelo entre as teorias do sociólogo francês e o cenário de modificação na forma de atuação da mídia brasileira no que tange à divulgação dos ataques às instituições de ensino, crimes cada vez mais frequentes no país. O “efeito contágio” é apontado por estudos como uma consequência da divulgação de detalhes sobre os massacres na imprensa; por isso muitos casos têm proximidade cronológica.

Sendo assim, dilemas éticos acabaram por atingir redações de todo o país no que tange à divulgar ou não determinadas informações sobre esses fatos, criando rupturas no campo em debate. Diversos portais brasileiros emitiram notas sobre alterações em sua conduta, ou seja, transformações em seu *habitus*.

Conclui-se, outrossim, que em decorrência do “efeito contágio”, do receio de dar visibilidade a criminosos e de orientações advindas de estudos técnicos a respeito do tema, a imprensa brasileira mudou sua forma de noticiar o assunto. Tal decisão foi tomada por diversos veículos em um cenário de tensão no campo jornalístico, onde o capital cultural dos editores costuma se sobrepor ao dos repórteres. Estes últimos, no entanto, podem incitar importantes reflexões, mas a hierarquia prevalece, conforme explica a teoria de Bourdieu.

¹⁴ Durante fala durante o 7º Congresso Internacional de Jornalismo de Educação, em 2023.

Ao mencionar o poder de influência da televisão, o sociólogo francês alertava para as ameaças de instrumentalização dos jornalistas a serviço da violência simbólica. O que vimos neste trabalho, entretanto, foi uma espécie de autorregulação da mídia no intuito de frear, dentro da sua (im)possibilidade, a repetição dos atos criminosos contra escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO JÚNIOR, Marco; ESKELEN, Vanessa; MENGUE, Priscila. **Ataque a creche em Blumenau tem 4 crianças mortas**. Blumenau, Estadão, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/ataque-em-creche-de-blumenau-tem-mortos/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

AZEVEDO, R. G. A força do Direito e a violência das formas jurídicas. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 27-41, out. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/sGw6HzB7V4YWwPrPRhcNyCq/?format=pdf>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. (org). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. (ed). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Westport, CT: Greenwood, 1986. p. 15-29. Disponível em: <https://www.socialcapitalgateway.org/sites/socialcapitalgateway.org/files/data/paper/2016/10/18/rbasicsbourdieu1986-theformsofcapital.pdf>. Acesso em 3 jul. 2024.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo, Editora da UNESP, 2004.

BRANDÃO, Z.; ALTMANN, H.. **Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus**. Rio Janeiro: PUC-Rio, [20--]. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5915/5915.PDF>. Acesso em: 2 ago 2024.

CARVALHO, E. dos S.. **Contribuições de Pierre Bourdieu para o Campo Jornalístico**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-0456-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

DE OLIVEIRA, R. **Barbárie em Blumenau desafia imprensa a repensar cobertura de tragédias**. Porto Alegre: GZH, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dsV79>. Acesso em: 19 set. 2024.

GARCIA, C. A. **Ataques de violência extrema às escolas do Brasil**: mapeamento, fatores associados e caminhos de prevenção e enfrentamento. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

GRUPO Globo muda política sobre cobertura de massacres. [S.l.], G1, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2023/04/05/grupo-globo-muda-politica-sobre-cobertura-de-massacres.ghtml>. Acesso em: 27 set. 2024.

#JEDUCA2023: A cobertura dos ataques às escolas e os dilemas da imprensa. São Paulo: Jeduca, 2023. 1 vídeo (45min30s). Publicado pelo canal Jeduca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-rR6k9TvC4w>. Acesso em: 05 set. 2024.

LANGEANI, Bruno. **Raio-x de 20 anos de ataques a escolas no Brasil**. [S.l.]: Instituto Sou da Paz, 2023. Disponível em: <https://soudapaz.org/wp-content/uploads/2023/05/Raio-x-ataque-a-escolas.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2024.

LAURENCE B. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

NAWAZ Tasawar. Expatriation in the Age of Austerity: An Analysis of Capital Mobilization Strategies of Self-Initiated Expatriates. In: ORDÓÑEZ DE PABLOS, Patricia; TENNYSON, Robert D. (ed). **Handbook of Research on Human Resources Strategies for the New Millennial Workforce**. [S.l.: s.n.], 2017. p. 177-199. Disponível em: <https://www.igi-global.com/chapter/expatriation-in-the-age-of-austerity/171743>. Acesso em: 3 jun. 2024.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A.. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: limites e contribuições. Educação & Sociedade, v. 23, n. 78, p. 15–35, abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wVTm9chcTXY5y7mFRqRjX7m#>. Acesso em 2 out. 2024.

ORTIZ, Renato. Introdução. In: ORTIZ, Renato (org). **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-36.

PELLANDA, Andressa *et al.* **Relatório**: o extremismo de direita entre adolescentes e jovens no Brasil: ataques às escolas e alternativas para a ação governamental. São Paulo: [s.n.], 2022. Disponível em: <https://shorturl.at/yFP15>. Acesso em: 28 jul. 2024.

RUSCHEL, Rossana G. **Ataques violentos a escolas brasileiras**: “efeito contágio” e cobertura da imprensa. 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Disponível em: <https://sistemas.intercom.org.br/pdf/submissao/regional/16/2440/05052024213827663826831f66e.pdf>. Acesso em: 22 out. 2024.

RUSCHEL, Rossana G.; SANTOS, A. M. dos. **Mapeamento, prevenção e combate**: um panorama das políticas públicas de enfrentamento à violência nas escolas brasileiras. In: AMORIM, G. C. (org.) *et al.* Anais do terceiro seminário discente: democracias emergentes – perspectivas interseccionais: identidades, atores sociais e emancipação. Cachoeirinha: Fi,

2024. p. 61-76. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ZvEmkarlMOBup-oPjjSkbLeN3uJ9Hkht/view>. Acesso em: 22 out. 2024.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 27–53, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6803/5385>. Acesso em: 14 set. 2024.

TÍSSIA, C. **Aluno mata três colegas em escola na Bahia**. Salvador, CNN Brasil, 18 out. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/aluno-mata-tres-colegas-em-escola-na-bahia/>. Acesso em: 23 out. 2024.

VINHA, Telma *et al.* **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil**: causas e caminhos. 1. ed. São Paulo: D3e, 2023. *E-book*. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf. Acesso em: 05 out. 2024.